



HOMOFOBIA E ESCOLA: UM RELATO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Antonio Carlos Batista da Silva Neto

Déborha Maria Bezerra Barreto Souza

Rickison Cristiano de Araújo Silva

Sonály Silva Guedes

Universidade Estadual da Paraíba, ac.neto07@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, deborha_maria@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, rickison_cristiano@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, sonalyguedes@gmail.com

RESUMO: Homofobia é o termo usado para designar o preconceito aos homossexuais, suas vítimas são forçadas a reprimir sua orientação sexual, seus hábitos e seus costumes. Os comportamentos homofóbicos geram graves consequências psicológicas e podem chegar ao extremo - uma violência física e/ou até a morte. A homofobia se torna ainda mais perigosa quando ocorre na escola, onde os jovens ainda estão em formação e não compreendem ou não percebem os resultados negativos que esta prática causa em suas vítimas, e trata-se de uma perseguição durante toda a vida escolar que não se resume apenas aos estudantes, mas envolve também os pais, professores e gestores. A vítima de homofobia passa a ver a escola, ambiente que deveria ser acolhedor e de formação, num ambiente de repressão. Através de teóricos como BRANCO (2012), e com base nos PCNS (1997) e no Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT, hoje LGBT, e promoção da cidadania homossexual, pretendemos ampliar e assegurar a investigação dessa problemática.

Palavras-chave: Homofobia; homossexualidade; escola.

1. INTRODUÇÃO

A escola para muitos estudantes é considerada uma instituição que irá favorecê-los, no acesso ao conhecimento, é lá que terão contato com outros estudantes, irão como atores sociais, ter contato com o mundo que é a escola, depositando segurança, confiança nessa

instituição que é importante em nosso dia a dia, pois ela irá contribuir no processo de aprendizagem e de formação de cada aluno.

As escolas, como também em outros âmbitos, tratam a questão da homossexualidade como algo “pecável”, descrevendo aqueles que são homossexuais



como “doentes”, resultando em seres homofóbicos neste ambiente, causando a exclusão de muitos alunos, e este fato não difere da escola.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir como a homossexualidade é tratada na esfera escolar, sabendo que o tema muitas vezes evitado ou simplesmente “não-tratado” em sala de aula, nem por parte dos professores juntamente com toda equipe pedagógica da instituição escolar.

1.1. OBJETIVO GERAL:

Discutir a respeito do que é homofobia e tentar compreender quais são os fatores que influenciam esse tipo de violência dentro do ambiente escolar, afim de questionar o papel da escola e de todos aqueles que fazem parte dessa instituição, no combate a esse tipo de atitude e discurso de ódio.

1.2. OBJETIVO ESPECÍFICO:

- a) Definir o que é homossexualidade;
- b) Definir o que é homofobia;
- c) Investigar quais fatores influenciam no discurso de ódio;
- d) Questionar e ratificar qual o papel da escola e sua responsabilidade no combate a homofobia.

2. METODOLOGIA

Iniciamos a pesquisa através de leituras a respeito da temática da Homofobia e dos documentos oficiais que servem como base para a educação brasileira com o objetivo de identificar qual a melhor forma de combater esse tipo de agressão. Em seguida, realizamos entrevistas com algumas pessoas que já sofreram este tipo de violência e relataremos atos homofóbicos que ocorrerem a no dia a dia escolar, afim de alertar sobre estas práticas.

3. RESULTADOS E DISCURSSÃO

3.1 HOMOFOBIA

Para compreendermos do que se trata a homofobia é necessário primeiro compreender o que é homossexualidade e para isso precisamos distinguir o que é orientação sexual e identidade de gênero.

3.1.1 Orientação sexual e Identidade de gênero

Orientação sexual corresponde a sua atração sexual, seu desejo sexual e pode ser: heterossexual, homossexual, bissexual,



pansexual e assexual. Com isso, se define como homossexual, aquele indivíduo que sente atração/desejo sexual por alguém do mesmo sexo. Ou seja, um homem que sente atração/desejo sexual por outro homem, e uma mulher que sente atração/desejo sexual por outra mulher.

Já a identidade de gênero corresponde a como você se identifica, como você se sente, e não é necessariamente de acordo com o sexo biológico, está pode ser dividida entre: cisgênero – aquele que se identifica com o gênero o qual foi designado e que tem relação com seu sexo biológico, transgênero – quando não se identifica com o gênero o qual foi designado – e não binária – quando não se identifica com nenhum dos gêneros. Ou seja, nasce com a genital masculina e portando é designado como do gênero masculino, contudo não se identifica com este.

Em resumo, a identidade de gênero e a sua mente e ela não tem obrigatoriamente relação com sua orientação sexual – seu coração. Assim, um indivíduo homossexual se distingue somente a respeito de com quem se relaciona sexualmente, com quem se sente atraído.

3.1.2 Homofobia

Homofobia é o termo designado a discriminação e aversão aos homossexuais. Muitas vezes é usado para referir-se a qualquer tipo de violência, psicológica ou física, ao LGBT's, contudo, vale ressaltar a existência de termos mais característicos para cada letra como a lesbofobia, transfobia e outros.

Imagem 1 – Notícia sobre homofobia

BRASIL

Homofobia: discussão evoluiu, mas Brasil é campeão em crimes

Primeira vítima (divulgada) de homicídio por homofobia no Brasil morreu em fevereiro de 2000. Quinze anos depois, muito pouco se avançou, na prática, para reduzir quantidade de crimes



Jessica Freitas

Fonte: Portal Terra, 2015.

Segundo WELZER-LANG (2001, p.02), homofobia seria a “discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidade ... atribuídos ao outro gênero”, ou seja homofobia iria mais além de ser a discriminação com aquele que é homossexual, como chegaria a afetar aqueles que aparentam ser. Casos de homofobia contra pessoas não homossexuais já foram noticiadas: “Abraço de irmãos acaba em ataque homofóbico e morte na Bahia” e “Pai abraça filho e é agredido por homofóbicos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

em SP”, são exemplos.

Imagem 2 – Notícia de homofobia



Fonte: G1 – Portal de Notícias, 2011.

Imagem 3 – Notícias de homofobia



Fonte: Rondônia Ao Vivo, 2014.

A homofobia é um mal que deve ser acabado e extinto de todas as esferas sociais. E principalmente, no âmbito escolar já que a escola tem como dever de ser um ambiente seguro e que tem como responsabilidade de tornar a experiência, daqueles que a frequentam, integradora, produtiva e de conhecimento.

3.2 HOMOFOBIA EM UM CONTEXTO ESCOLAR.

Mesmo em uma sociedade que grita por liberdade de expressão, com informação sendo bombardeada em todos os meios e a todos os tempos. Ainda existe quem trate o diferente como violência.

A violência contra os homossexuais – homofobia – é um dos exemplos mais presentes no dia a dia, e assim como em qualquer outro ambiente, na escola se faz presente. Rosangela Nieto de Albuquerque acredita que para compreender as questões da homofobia, faz-se necessária uma reflexão aprofundada das várias dimensões da sexualidade humana e para começar nosso estudo faz-se necessário definir o que seria homofobia.

As agressões verbais, físicas, a discriminação e o *ciberbullying* são situações comuns no ambiente educacional e refletem o pensamento de uma sociedade machista, patriarcal e retrógrada, fazendo com que haja a reprodução de discursos e atitudes homofóbicas com o próximo.

A escola é de extrema importância nesse quebra-cabeça. Sua função é de conscientizar e de orientar os alunos, seja por meio de ações que vão auxiliar na construção social e intelectual, transformá-

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



los em um indivíduo mais consciente da pluralidade do ser humano, garantir a integridade física, e evitar a segregação, sejam elas por classe social, etnia e sexo.

Contudo, o grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade e a riqueza representada por essa diversidade, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes (BRASIL, 1997a).

Contudo, a escola reflete o panorama de desconhecimento dessas políticas, o que dificulta o reconhecimento da homofobia presente no cotidiano e ressalta o despreparo de educadores para lidar com essa situação (SANTOS; BRUNS, 2000). Muitos são os fatores contribuintes para esta questão na efetiva ação da escola nesta problemática.

Em forma de tentar combater a homofobia na escola, em 2004 o governo brasileiro federal lançou o programa Brasil Sem Homofobia – “contribuir para a implantação do Programa Brasil sem Homofobia pelo Ministério da Educação, através de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade

de gênero no âmbito escolar brasileiro” (CONSELHO, 2004).

O programa de ações que trata da educação inclui dois tópicos que trabalha toda a problemática da se trabalhar a inclusão sexual no contexto escolar:

1) Um conjunto de recomendações elaborado para a orientação da revisão, formulação e implementação de políticas públicas que enfoquem a questão da homofobia nos processos gerenciais e técnicos do sistema educacional público brasileiro, que se baseou nos resultados de duas atividades: a) A realização de 5 seminários, um em cada região do país, com a participação de profissionais de educação, gestores e representantes da sociedade civil, para obter um perfil da situação da homofobia na escola, a partir da realidade cotidiana dos envolvidos. b) A realização de uma pesquisa qualitativa sobre homofobia na comunidade escolar em 11 capitais das 5 regiões do país, envolvendo 1406 participantes, entre secretários(as) de saúde, gestores(as) de escolas, professores(as), estudantes e outros integrantes das comunidades escolares. A metodologia da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp.



2) A incorporação e institucionalização de uma estratégia de comunicação para trabalhar a homossexualidade de forma mais consistente e justa em contextos educativos e que repercuta nos valores culturais atuais. A estratégia compreende:

a) Criação de um kit de material educativo abordando aspectos da homo-lesbotransfobia na instituição escolar, direcionado para gestores(as), educadores(as) e estudantes. b) Capacitação de técnicos(as) da educação e de representantes do movimento LGBT de todos os estados do país para a utilização apropriada do kit junto à comunidade escolar.

Em 2006 foi implantado o curso Gênero e Diversidade na Escola (BRASIL, 2010b), um curso que será ofertado à distancia, porém com etapas presenciais, na intenção de promover o respeito e o conhecimento da diversidade seja ela sexual ou não. Ao se estudar a homofobia na escola, temos que levar em conta não só a violência física, mas também simbólica. O uso de palavras pejorativas como “viadinho” “bicha” “menininha” é algo especialmente problemático.

Já em 2011 houve a criação do caderno do projeto Escola sem Homofobia, vulgarmente conhecido como “kit gay”, que discutia sobre as questões de gênero e sexualidade e como abordá-las na

escola. Contudo, alguns setores conversadores da sociedade e do Congresso Nacional criaram um polêmica em torno do caderno e sua impressão foi cancelada junto com a suspensão do projeto.

Imagem 4 – Caderno Escola sem Homofobia



Fonte: Revista Escola, 2011.

Assim é perceptível ver que há uma preocupação e uma atenção, mesmo que mínima, por parte do governo em debater estas questões. Contudo, a problemática não está somente na parte conservadora do governo, ou nas políticas criadas por eles. E sim, em toda uma sociedade machista e patriarcal, que lida com a sexualidade



como algo extremamente sensível e mutável através de experiências externas.

3.2 VIVÊNCIA DA HOMOFOBIA

3.2.1 Espaço social e a homofobia

A análise de como os sujeitos se comportam frente a esta situação e como a sociedade influencia seus conceitos e valores é de grande importância para compreendermos a homofobia na prática social.

A escola é um local de formação e os jovens ainda estão nesse processo de descobrimento do seu papel como indivíduo. É neste “meio termo”, no qual não possuem conhecimento das consequências de suas ações, e que muitos reproduzem discursos homofóbicos pré-estabelecidos sem compreender o que realmente estão fazendo, que a escola e todos que fazem parte dessa instituição devem agir no combate, na desmitificação dos preconceito de gênero e no conhecimento do todo a que se refere ao gênero – identidade de gênero e orientação sexual.

Em nossa pesquisa foi possível perceber que esta forma de preconceito é bem maior e mais violento do que pensamos, e que é mais presente na escola

do que em outros ambientes compartilhados pelos jovens.

3.2.1 Relato de homofobia

Maior parte das pessoas que sofrem ou sofreram com a homofobia preferem não se pronunciar – seja por medo de alguma violência física, seja com o objetivo de minimizar sua dor, ou até mesmo por vergonha – e acabam por deixar estes acontecimentos sem punição e presos no passado.

Procuramos então, alguém que tivesse vivido tal experiência e pudesse explicá-la. Conseguimos fazer uma entrevista com um jovem, atualmente com 21 anos, que sofreu com a homofobia na escola.

A princípio era excluído somente pelo fato de ter alguém homossexual na família e algum tempo depois, e em seguida quando compreendeu sua orientação sexual e também assumiu ser um. Em seu depoimento, conta que foi um período bastante difícil e que esperava passar o mais rápido por esta fase para sair da escola, pois chegou a sofrer não somente agressões psicológicas, mas também físicas.

Ao ser perguntado o que entendia como homofobia, ele respondeu que era “repúdio à expressão alheia, onde você tem



a liberdade de se intrometer no que é e não que tem o outro a ponto dele não merecer fazer parte do mesmo grupo que você”. É perceptível a repulsão contra a vítima era tão grande, que os praticantes dessa violência sentiam-se no dever de permanecer longe do jovem. E o jovem seguiu dizendo que “por isso e por causa disso eu sofri muito durante minha adolescência, eram acusações, eram diversas brincadeiras de mau gosto”.

E em seguida relatou suas experiências, “lembro que no primeiro ano um menino da minha turma ameaçou juntar ele mais dois ou três e me baterem na saída da escola só que as pessoas que ele chamou não aceitaram o convite, na verdade essas pessoas gostavam de mim e não queriam fazer isso comigo. Imagina eu ia sofrer um ataque físico porque eu era gay, como ainda sou, eu era gay, era isso, eu era gay, a justificativa era “ah eu era gay”.

O mesmo jovem que sofreu com a homofobia na escola e não teve a ajuda nem o suporte de ninguém por parte da instituição, conclui que “se eu sou gay ou se qualquer outra pessoa da escola é gay, eu tenho o direito ou a pessoa tem o direito de usar o banheiro masculino quando bem desejar, estar na fila da merenda dos homens como bem desejar, sair, estudar, brincar, dançar, no meio de tudo e

todos como bem desejar, por que eu sou gay ou ele é gay somos iguais, somos iguais, diferente, diferente é apenas o seu preconceito.”

Percebemos que o jovem a respeito, mesmo sem o apoio, proteção da escola conseguiu sobreviver a todos os ataques e discursos de ódio proveniente da escola e daqueles que não o respeitavam como um ser diferente deles, que não o respeitavam por ser gay. Mas uma vez cabe ratificar o papel da escola na proteção dos seus alunos, na desmitificação de preconceitos de gênero e na compreensão da pluralidade do gênero, uma vez que é possível perceber uma grande confusão no conceito de orientação sexual e identidade de gênero por partes dos agressores.

4 CONCLUSÃO

A escola é, ou deveria ser, um ambiente integrador, de produção e enriquecimento, de conhecimento, e antes de tudo, seguro. Sua responsabilidade vai além de construir saberes, sua responsabilidade é de transformar, ou auxiliar na transformação, de jovens cidadãos, de indivíduos melhores. Para isso se faz necessário romper com todos os tipos de preconceitos. E de tornar a experiência, daqueles que a frequentam,



acolhedora.

A homofobia é algo ainda existente nas escolas. O papel do professor e de todos aqueles que formam parte desta instituição devem ser de evitar à exclusão, a violência verbal, psicológica e física para com estes. Ainda que seja raro, existem programas governamentais, que servem de orientações para conscientização desde mal.

Pretendemos com esta pesquisa, sensibilizar e relatar a violência sofrida por um – e muitos que se calam – no ambiente escolar e reforçar o papel das nossas escolas no combate a homofobia.

REFERENCIAS

BRANCO, Mariana. Homofobia: Um problema complexo de se resolver. Construir Notícias. Ano 12. Pernambuco: Editora Construir, Novembro/Dezembro de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Subsecretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Departamento de Promoção dos Direitos Humanos.

Coordenação-Geral de Promoção dos Direitos de LGBT. Relatório de Monitoramento das Ações do Plano

Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – PNPCDH-LGBT. Brasília, 2010b

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do Masculino: Dominação das Mulheres e Homofobia. Ver. Estud. Fem. Vol.9,n2, Florianópolis: 2001.